

INVENTÁRIO PARTICIPATIVO



COMUNIDADE DE
ÁGUA PRETA

CONCEIÇÃO DA BARRA - ES



FICHA DO PROJETO

Título do Projeto:

PROJETO INTEGRADO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL - Fazendas São Joaquim e Dourada Una Comunidades da AID – Água Preta e Valdício Barbosa, Municípios de Conceição da Barra e Pedro Canário/ES, Processo IPHAN nº 01409.000622/2015-01

Nome da comunidade/ Bairro/ Município/ Estado:

Água Preta, zona rural de Conceição da Barra, ES

Equipe do Projeto:

Júlio Jader Costa	Psicólogo Social e Antropólogo
Letícia Moura Simões de Souza	Cientista Social e Arqueóloga
Fernando Walter da Silva Costa	Historiador e Arqueólogo
Frederico Simões da Silva Costa	Lic. Geógrafo
Alisson Gonçalves Duarte	Fotógrafo e Cinegrafista

Monitores:

Júlio Jader Costa	Psicólogo Social e Antropólogo
Letícia Moura Simões de Souza	Cientista Social e Arqueóloga
Frederico Simões da Silva Costa	Lic. Geógrafo

Lideranças identitárias participantes:

Sr. Vila	Sr. Avelar Soares dos Santos
Sr. Aurino Alves de Almeida	Sr. Otaviano Pereira dos Santos
Dona Maria Emaculada Coelho Pires	





Instituições Participantes:

Secretaria de Educação de Conceição da Barra, por meio da secretária Cristiane de Sousa Sena, também através de Ariane Godinho Almeida, responsável pela coordenação pedagógica, de Sidineide Vidigal Reginaldo, coordenadora gestora da CEAfro nas escolas municipais de Conceição da Barra e de Paumina Saith Castro, responsável pela organização da merenda escolar das escolas de Conceição da Barra.

Escola de Água Preta: por meio da professora Vanda Pereira Gonçalves e das colaboradoras Angélica Santos Gomes e Camila de Jesus Freitas.

CRAS Itaúnas, por meio da coordenadora e assistente social Alessandra Souto dos Santos.

CRAS Braço de Rio, por meio da coordenadora Maria Aparecida Marciano, da assistente social Naiara Ferraz dos Santos e da psicóloga Camila Rodrigues.

Associação de Moradores e Agricultores da Comunidade de Água Preta (AMACAP), por meio das representantes Camila de Jesus Freitas, Angélica Santos Gomes e Sueli Pires da Conceição.

Período de realização:

Novembro de 2022 a dezembro de 2023

Bens Culturais pesquisados:

- 1- Paço receptivo Água Preta - Lugar simbólico/paisagem cultural e ecológica;
- 2- Localidades de Buticudo, Lago, Cadeia Velha; Fazenda: Farinheira e Fornos do Pierote; Fazendas São Joaquim e São Luiz;
- 3- Extrativismo - Artesanato e Pesca;
- 4- Patrimônio Agroecoalimentar das unidades domésticas - Quintais Produtivos;
- 5- Patrimônio Agroecoalimentar - Saberes do Pilão
- 6- Forró - Forró do Mauro (ativo); Forró da Tábua Rachada (extinto);
- 7- Cultura do Brincar na Infância.

Fichas das categorias do patrimônio cultural utilizadas no Projeto:

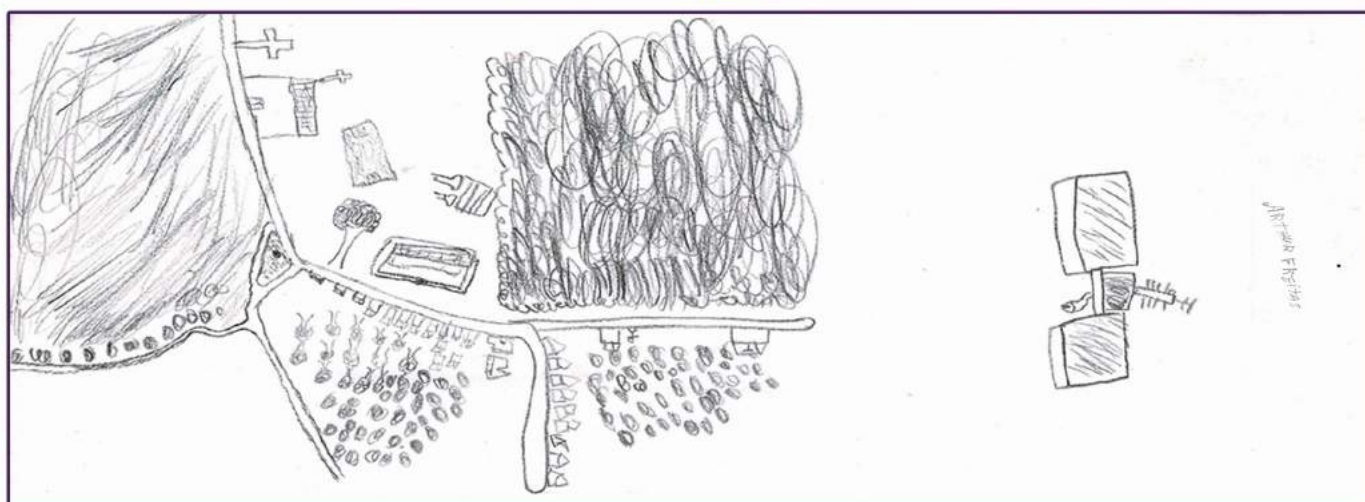
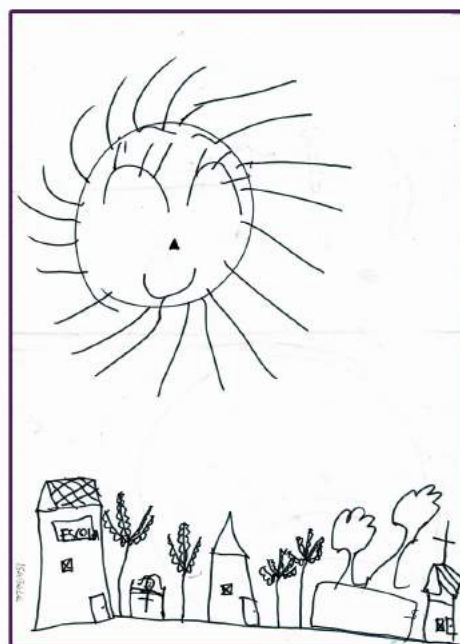
LUGARES: 2
FORMAS DE EXPRESSÃO: 1

FESTAS E CELEBRAÇÕES: 1
SABERES: 3





FICHA 1 . CATEGORIA LUGARES





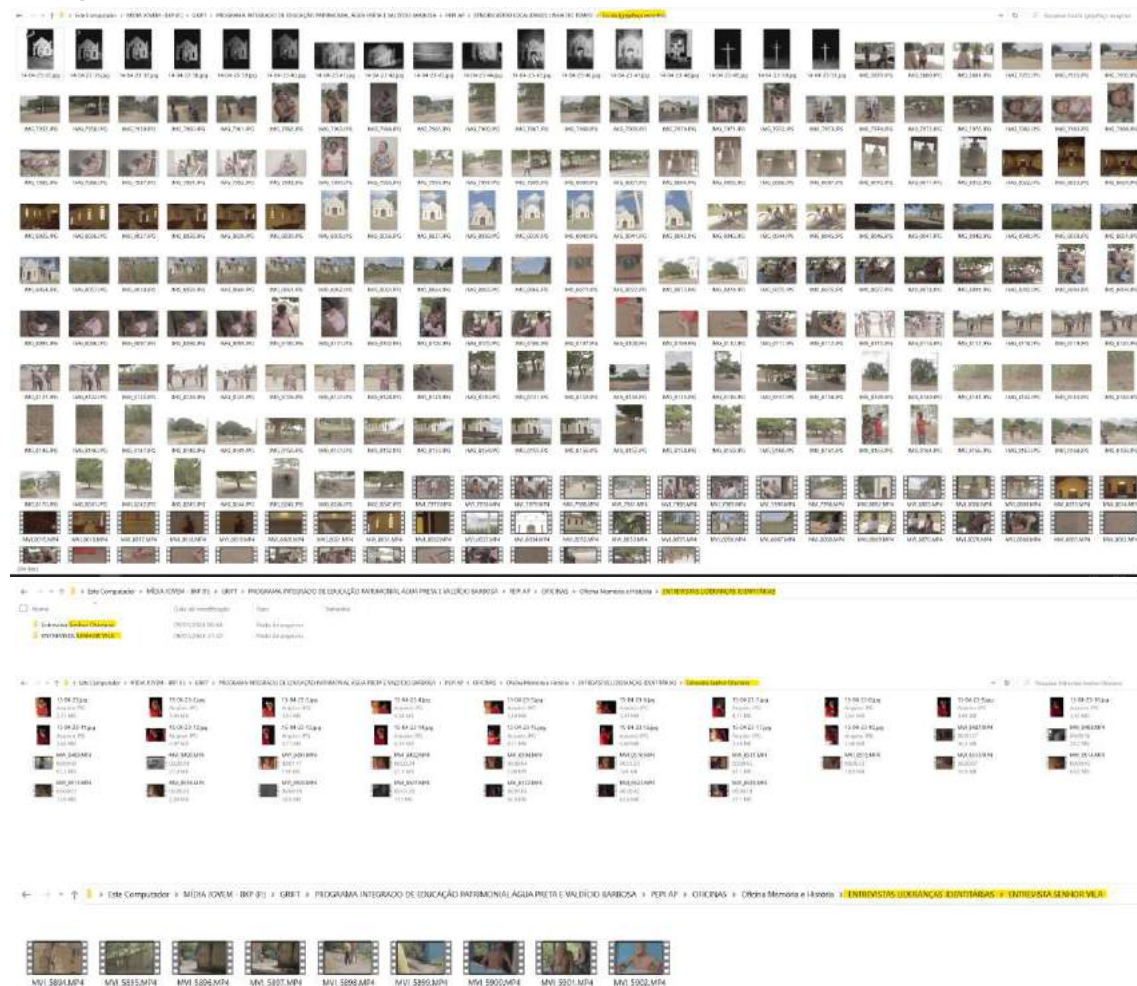


INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DA COMUNIDADE DE ÁGUA PRETA

Identificação

Paço receptivo Água Preta - Lugar simbólico/paisagem cultural e ecológica.

Imagens



O que é

Complexo paisagístico ecológico e cultural formado por Igreja Católica (Comunidade Sagrado Coração de Jesus) e Cemitério, Escola, árvores sobreiras na interseção destes equipamentos.





INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DA COMUNIDADE DE ÁGUA PRETA

Onde está

Comunidade de Água Preta -18°15'13.00"S/ 39°53'31.05"O (datum WGS84)





Períodos Importantes

O paço receptivo é o principal lugar de acolhida rotineira aos visitantes que chegam até Água Preta. Ali também é realizada anualmente no mês de julho a Festa do Sagrado Coração de Jesus, que dá nome à Igreja católica e é o padroeiro da comunidade. Já o cemitério recebe visitas ocasionais e esporádicas no dia de finados.

Ali também era realizado o forró da Tábua rachada, hoje extinto.

História

Até o momento não foi possível precisar um contexto cronológico para a Igreja do Sagrado Coração de Jesus. Através da oralidade, a zeladora do templo, Sueli, indica que foi erguida em período que a densidade demográfica dos assentamentos da região, a partir da década de 1940, era incomensuravelmente maior que na atualidade, como atesta a casuísticas da festa do padroeiro, de outras extintas como juninas e até mesmo profanas como o forró, que recebiam romeiros e festeiros de várias localidades. Os moradores mais antigos dizem que Água Preta surgiu antes de Pedro Canário e inclusive seus moradores chegaram a frequentar o pequeno comércio de Secos e Molhados do Sr. Pedro Canário Ribeiro, criado em 1949.

O cemitério desativado, bem como o outro que o precedeu, antes de ser coberto por lotes e casas, é indicativo da maior densidade populacional que a localidade galgou no passado. Está também associado a epidemias e pestes, como a febre amarela.

Significados

A importância do pátio receptivo não se restringe à memória e ao passado, ressoando no presente etnográfico através das edificações e logradouros públicos, comunitários e dos projetos produtivos.

Trata-se, portanto, de local que transversaliza outros bens e categorias do patrimônio imaterial, como celebrações.

Descrição

A patrimonialização cultural de conjuntos paisagísticos é hegemonicamente associada aos contextos históricos e urbanos, apoiada no saber da arquitetura e na episteme que demarca o universo pedra e cal, onde se destacam a monumentalidade e suntuosidade de casarios, igrejas e edificações.

Em contraste, o conjunto paisagístico receptivo de Água Preta é definido a partir de uma simplicidade que oculta seu enorme poder de





ressonância, isto é, sua capacidade de ativar memórias e operar vínculos sociais no presente etnográfico.

A igreja e a escola são edificações simples, o cemitério rudimentar, mas suas paredes e túmulos contam histórias e colocam em pauta os direitos difusos e coletivos associados à paisagem cultural ecológica, aos vínculos comunitários e à preservação de elementos do sagrado e da ancestralidade (sepultamentos).

Pessoas envolvidas

Lideranças identitárias: Sr. Vila, Sr. Avelar, Sr. Aurino, Sr Otaviano e Dona Imaculada.



Elementos Naturais

Estabelecendo um contraste fronteiriço natural e visual com a paisagem do entorno, tomada por eucaliptos e pastos, as belas e suntuosas árvores sombreiras de Água Preta não se restringem à função de marcadores territoriais e de memória. São operadores de vínculos sociais no presente etnográfico vivo e dinâmico dos comunitários. Todas as árvores do conjunto são apontadas com idade superior há 50 anos, algumas bem mais.





A mais importante, do ponto de vista simbólico, é a castanheira, em cuja sombra se reúnem espontaneamente os comunitários e aconchegam-se naturalmente os visitantes. Trata-se da ágora natural da comunidade. Sob sua sombra estão dois troncos rústicos de pequi que funcionam como bancos.

Há um outro banco plainado de eucalipto conformando a cena receptiva e acolhedora. A castanheira está localizada na rua principal, próxima e quase em frente à escola, que possui outras árvores adjacentes como mangueiras e coqueiros. Outra árvore relevante é uma idosa figueira, demarcando o acesso principal à comunidade em margem oposta à Igreja. Dentro da cercada do templo, duas cajazeiras sombreiam frondoso banco de eucalipto aplanado e à espera de uma boa prosa.

Mais um espaço interessante é o fundo da igreja, que, segundo a zeladora, foi solicitado ao novo pároco - João Batista - concessão desta área para plantio de alimentos. A demanda teria sido acolhida positivamente pelo mesmo e estaria em fase de formalização do combinado com a arquidiocese para que comece a receber plantio de pimenta.

Elementos construídos

O salão da igreja é eventualmente usado para reuniões comunitárias, o que pode constituir-se em fator restritivo de crença que obstaculiza avanço na organização comunitária, já que a comunidade também possui uma igreja evangélica.

Na singela torre está um sino que teve o badalo e o cone interior invadidos por um enxame de marimbondos, exigindo precauções complementares no exercício do ofício do toque. Na parte frontal da campânula tem uma inscrição onde se lê "SINO ECONOMICUS". Além disso possui um brasão, onde está forjada uma cruz em X trespassada verticalmente por um cajado, de onde se deduz tratar-se de um tipo de cruz cristã antiga, que após pesquisa comparada do detalhe mostrou ser precisamente do "monograma Cajado de Cristo".

O equipamento escolar permanece com atividades letivas suspensas com justificativa de falta de demanda, o que vem gerando preocupações com o seu sucateamento, sendo que inclusive já teve o roteador de internet furtado. Considerando que a falta de uma função útil para o equipamento tende a agravar a situação, a associação vem problematizando o seu uso como espaço para reuniões comunitárias e projetos educacionais e de capacitação profissional.





O cemitério está desativado e requerendo medidas urgentes de conservação.

Vestígios

Não foram encontradas evidências de ocupações anteriores ao assentamento. Mas cabe destacar que o primeiro cemitério da comunidade foi sobreposto por habitações, partindo da casa do Sr. Vila, passando pela casa e bar de Mauro e chegando até a igreja Evangélica, conforme relatos dos comunitários.

Materiais

A escola, a igreja e a os túmulos que ainda estão de pé são feitos de alvenaria

Técnicas ou modos de fazer

Alvenaria.

Medidas

Aproximadamente 600 m².

Atividades que acontecem no lugar

Festa do Sagrado Coração de Jesus

Forró da Tábua Rachada - extinto

Forró do Mauro – primeira semana todo mês

Visitação de familiares e nativos ausentes no Dia de Finados.

Manutenção

Água Preta está sob jurisdição da Prefeitura Municipal de Conceição da Barra, que deveria ser responsável pela sua manutenção. Todavia, se situa na área fronteira de Pedro Canário, estando bem mais próxima desta cidade, o atendimento público das demandas comunitárias é insuficiente.

Em alguns casos os comunitários têm recorrido ao apoio da Suzano para questões prioritária e urgentes, como construção do poço artesiano.

Conservação

Todos as construções carecem de reparos e manutenção. No caso do cemitério e do campo a comunidade reivindica o cercamento da área





para minimizar os impactos sobre estes logradouros públicos.

Avaliação

O impulso para ocupação de novas áreas visando o plantio de alimentos, incorporando áreas dentro e no entorno da escola e nos fundos da igreja, insinua-se como tendência positiva que pode estar ligada à sobrevivência e necessidade de reprodução cultural dos comunitários frente ao parcelamento familiar das unidades domésticas e terras cada vez mais escassas devido à expansão da monocultura nas fazendas vizinhas.

Recomendações

Estímulo a projetos paisagísticos para proteção do espaço vital da comunidade, incluindo plantio de árvores, plantas ornamentais e alimentícias, hortas, cercas vivas e similares.

Estímulo à qualificação profissional de jovens de Água Preta, através de oferta de estágios e outras oportunidades.

Apoio à elaboração e Fomento de projetos culturais:

(Série Documental) – edição e difusão audiovisual – vídeos e Podcasts;

Implantação de ponto de cultura (programa cultura viva) utilizando espaço ocioso da escola;

Apoio e promoção da Festa do Sagrado Coração de Jesus;

Resgate do Forró da Tábua Rachada.

Além disso, surge a alocação de projetos para fortalecimento de agro eco sistemas familiares com vistas a garantir fontes alternativas para a obtenção das matérias primas. Um exemplo já adotado nas proximidades é o plantio de cercas vivas com urucum (e também pimenta rosa para o caso do extrativismo), ampliando as fontes de acesso e colaborando colateralmente para uma melhor fruição da paisagem.





FICHA .2 . CATEGORIA LUGARES



Identificação

Localidades de Buticudo, Lagoa, Cadeia Velha; Fazenda, Farinheira e Fornos do Pierote; Fazendas São Joaquim e São Luiz.

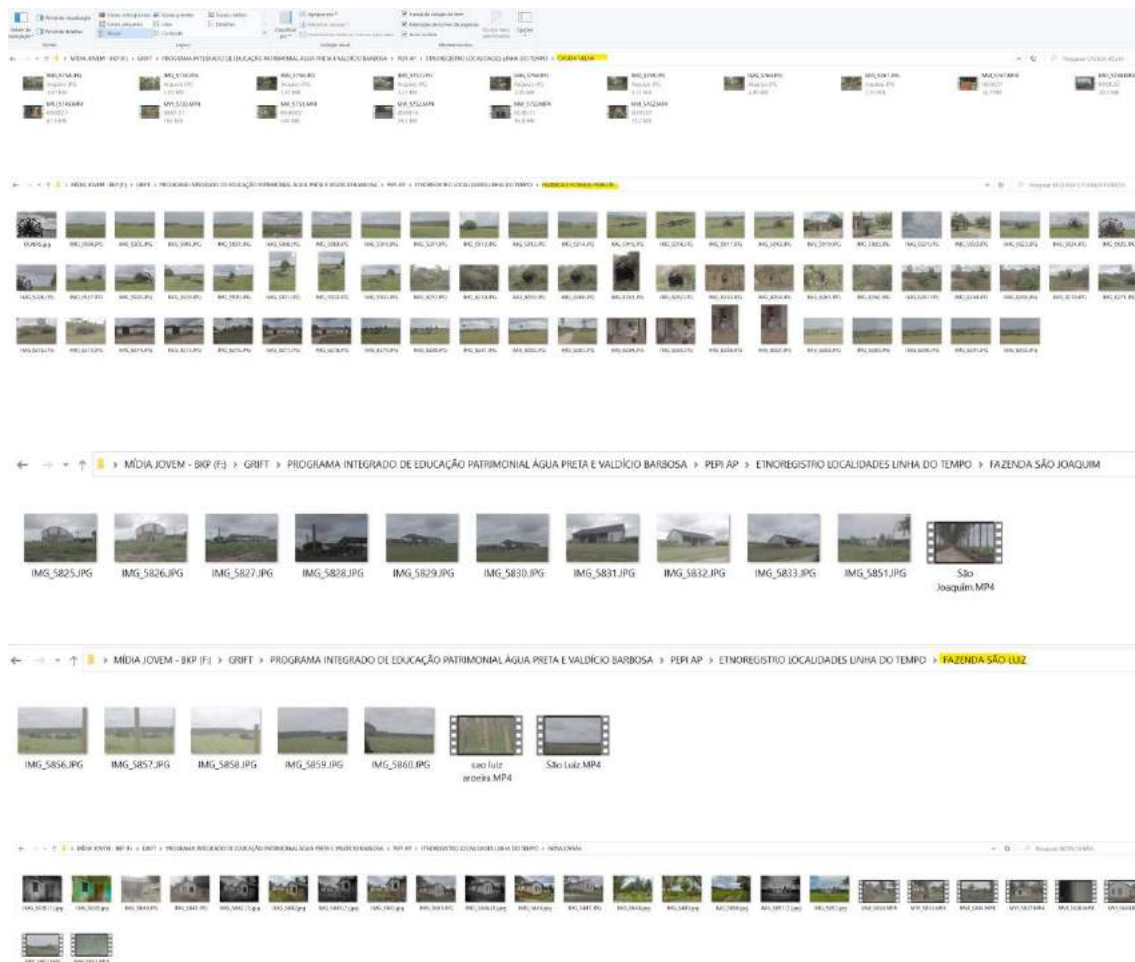
Imagens

☐ Nome	Data de modificação	Tipo	Tamanho
 BUTICUDO	08/01/2024 21:28	Pasta de arquivos	
 CADEIA VELHA	09/01/2024 00:14	Pasta de arquivos	
 Escola IgrejaPaço receptivo	12/01/2024 09:54	Pasta de arquivos	
 FAZENDA E FORNOS FERROTE	09/01/2024 01:55	Pasta de arquivos	
 FAZENDA SÃO JOAQUIM	09/01/2024 01:52	Pasta de arquivos	
 FAZENDA SÃO LUIZ	09/01/2024 01:52	Pasta de arquivos	
 NOVA CANÃA	09/01/2024 00:41	Pasta de arquivos	





INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DA COMUNIDADE DE ÁGUA PRETA



O que são

Fazendas que geravam empregos aos trabalhadores rurais, como aos moradores da comunidade de Água Preta e atualmente são destinadas ao plantio de eucalipto.

Fazenda São Joaquim, também conhecida como “Fazenda Klabin” e “Fazenda dos Paulistas”; Fazenda Planície, também conhecida por Fazenda Pierote, Perote, Pierotti; Fazenda São Luiz. Essas fazendas deram origem a povoados como Água Preta, Buticudo, Lagoa e Nova Canaã, também geraram estruturas repressoras, como as ruínas da cadeia da Fazenda São Joaquim.

Onde está

Fazendas do entorno da Comunidade de Água Preta





Períodos Importantes

Décadas de 1950 a 1970 marcadas pela elevada densidade populacional em Buticudo, lagoa e Nova Canaã, que superavam Água Preta em número de habitantes, justificando a existência de um aparato repressivo que incluía a cadeia velha.

A partir do final da década de 1970 e início dos anos 1980 se destaca a prosperidade material derivada dos trabalhos nos fornos e na farinha do Pierote.

1940 - Cia Industrial de Madeira - extração de madeira

1944 - construção da estrada unindo Morro Dantas a Nanuque

1948 - construção da estrada ligando Braço de Rio Preto a Morro Dantas, e construção da ponte de madeira sobre o rio Itaúnas

1949 - o senhor Pedro Canário Ribeiro abre sua pensão e um pequeno comércio de secos e molhados que seria frequentado pelos moradores de Água Preta

1950 - marcado por violentos processos de expulsão de posseiros da área rural

1951 - uma ponte de concreto substitui a antiga ponte de madeira sobre o Rio Itaúnas, a qual era constantemente avariada pelas chuvas e enchentes.

1952 - Fazenda Klabim é comprada por Horácio Láfer

1953 - Fazenda dos Paulistas - plantio de café - surgimento das comunidades de Água Preta, Buticudo e Nova Canaã (segundo sr. Avelar)

1957 a 1962 - construção do trecho São Mateus - ES/ Mucuri- BA, da atual BR 101, surgem os primeiros loteamentos urbano que darão origem ao município de Pedro Canário

1957 - 1962 - Programa de Erradicação do café, provocando o declínio populacional de Nova Canaã e Água Preta

1970 - instalação de indústrias de farinha e usinas produtoras de álcool e açúcar, plantio de eucalipto para produção de carvão (Acesita) e posteriormente de papel e celulose (Aracruz) aumentam o processo de concentração fundiária da região em razão das vastas áreas exigidas,





há um êxodo rural dos pequenos proprietários e aumento populacional nas sedes dos municípios

1978 - Augusto Ruschi apoia a criação de reserva florestal na fazenda Klabim

1980 - distrito de Taquaras passa a ser denominado Pedro Canário

1981 - Grupo Monteiro Aranha comprou a fazenda Klabin e requereu a junto à Delegacia Regional do IBDF no ES, a redução do percentual de floresta natural de 43,6% (cerca de 2.700 ha) para apenas 20% (1.200 ha).

1980-1981 - Não havia rede elétrica em Água Preta, usavam candieiro (relato oral do Sr. Benedito, 04/11/2022).

1984 - Governador Gerson Camata embargou o desmate na Fazenda Klabin autorizado por Amaury Stábile, ex ministro da agricultura, fazendo valer acordo de 1976, entre Grupo Klabin (antigo dono da fazenda) com IBDF de preservar 43,6% da floresta existente no local. (A Tribuna, Vitória, ES, 17/03/1984, p.9, 1 cad, c.1-2. <http://biblioteca.ijsn.es.gov.br/Record/339434>)

História

É comum no repertório dos comunitários de Água Preta a alusão entre uma possível relação toponímica com a localidade do “Buticudo” e os indígenas conhecidos pelo nome de “botocudos”.

A especificidade da formação territorial de Água Preta nos conduz para uma categoria social mais ampla: o campesinato negro. Esta categoria foi forjada a partir da crítica à visão esbranquiçada ou, na melhor das hipóteses, mestiçada do campesinato brasileiro, concebido como fato empírico verificável.

Em que pese sua identificação tardia, a dispersão do campesinato negro por várias regiões do país desde o período colonial, abarcando negros alforriados ou fugitivos que se constituíam como camponeses livres ou “meeiros de glebas familiares”. Em outros termos, a desintegração do sistema escravista gerou as condições históricas ideais para a explosão do campesinato negro, momento em que os quilombos e as comunidades de roceiros libertos proliferaram em regiões rurais de todo o país.





Contribuiu para este movimento o fato de que a Lei de Terras (1850) vigente à época da abolição era extremamente desfavorável aos negros, impedindo-lhes o acesso e posse através do trabalho (apenas compra era permitida), ao mesmo tempo em que oferecia subsídios para novos colonos/imigrantes principalmente de origem europeia.

As comunidades quilombolas e outras comunidades negras rurais constituem a expressão atual deste impasse fundiário que garantiu a existência de uma mão de obra livre a ser explorada no campo, ou seja, o campesinato negro. Assim, destaca-se a construção desta categoria a partir de múltiplas vertentes, desde quilombos levantados como estratégias de sobrevivência em contextos pré e pós abolição, passando por roceiros livres que se apossaram de terras em áreas ermas e de difícil acesso até contingentes de mão de obra explorada através de diárias miseráveis ou regimes como arrendamento, “meia”, “terça” e similares. Mais recentemente, vem sendo destacada a adesão do campesinato negro a frentes de trabalho para a implantação de vetores de desenvolvimento capitalista, sendo que este deslocamento pode ocorrer nos marcos da própria região de origem da massa camponesa. Estas frentes de trabalho são de suma importância para a injeção monetária nas localidades de origem, onde o dinheiro não é regra geral e todo um regime de trocas e partilhas é acionado frente a escassez do papel moeda.

Essas fazendas da região norte do ES, em Conceição da Barra e Pedro Canário, fazem parte deste contexto. O Sr. Avelar, líder identitário de Água Preta, lembra que antigamente usavam o “Boró” como uma espécie de cartãozinho ou cédula com preço fixado, era uma moeda utilizada apenas no comércio local.

Significados

Sítios de memória com ressonância no presente etnográfico da comunidade por meio de atividades da pesca e extrativismo. Locais como Buticudo, Lagoa e Nova Canaã remetem a um passado de muito oferta de trabalhos na colheita de café e outras atividades agrícolas. Quando os cafezais foram sendo substituídos pelo monocultivo, a mão de obra perdeu seus postos de trabalho, provocando a decadência e abandono dos vilarejos. Os moradores de Água Preta temem que o mesmo ocorra com a sua comunidade.





Descrição

O padrão de localização destes assentamentos é definido a partir de conjugações pendulares da mão de obra explorada no campo em situação de heteronomia ou confinada em lotes individuais/familiares para a produção alimentar de subsistência (quintais produtivos). O padrão de ocupação comum é a proximidade com fontes de recursos naturais, especialmente os hídricos. Neste sentido, apresentam rizomas transversais com o etnregistro sobre as Memórias (e o presente etnográfico) das Águas.

As camadas de impacto que vão se sobrepondo no território incluem desde a supressão das matas nativas para a carvoaria, passando pela monocultura do café (fazendas), cana e mais recentemente o eucalipto.

A especificidade da formação territorial de Água Preta nos conduz para uma categoria social mais ampla: o campesinato negro que foi ocupado pelos assentamentos de “Buticudo”, Nova Canaã, Lagoa ou habitou alojamentos na Fazenda São Joaquim, evidenciando conjugações pendulares extremamente frágeis e dependentes dos vetores de desenvolvimento capitalista em sua crescente pressão sobre o território, abrindo campo para a formação de um campesinato como mão de obra a ser explorada em situação de quase absoluta heteronomia.

O Buticudo possui centralidade nas narrativas gerais dos comunitários de Água Preta, contando com relatos detalhados de estruturas como o carneiro que bombeava a água da comunidade, e que certamente está coberta por terra e pelo grande volume de mata de galeria, onde existem inclusive vários pés de dendê. A parte que está desmatada tem várias covas intercaladas. A informação oral indica que está sendo preparada para plantio de árvores e mata nativa pela Suzano, como parte de um projeto ou compensação ambiental. A equipe técnica ainda não acessou informação institucional da empresa que possa esclarecer melhor esta ação.

Ali, no ano de 1966 teria falecido a mãe do Sr. Avelar, sepultada na Água Preta. Apesar de ser de fácil acesso e transitada por extrativistas, não é recomendável a pesca e o banho no local, pois devido ao grande número de troncos e paus no fundo são relatados grande número de animais peçonhentos como serpentes. A área é confinante direta com





o novo plantio de eucalipto. Inclusive com as mudas recém-plantadas. A distância um ponto da Lagoa traçado vetorialmente em linha reta, passando pelo eucaliptal recém-plantado e chegando até a Igreja do Sagrado Coração de Jesus em Água Preta é de 1240 metros.

Pessoas envolvidas

Lideranças identitárias: Sr. Vila, Sr. Avelar, Sr. Aurino, Sr Otaviano e Dona Imaculada.

Difuso e coletivo

Elementos Naturais

As localidades estão recobertas pelas matas de encosta e de galeria. Apresentando considerável grau de recomposição da vegetação natural nas áreas definidas como de preservação permanente e que por isso ficaram imunes a ampliação dos eucaliptais.

Elementos construídos

As Fazendas São Joaquim e São Luiz permacem ativas, mas com várias estruturas em depreciação e em transição para ampliação de áreas para cultivo de eucaliptos.

Vestígios

Tanto no Buticudo como na Lagoa foram identificados registros arqueológicos (vestígios e estruturas) que reforçam as fontes orais no tocante à formação campesina das localidades.

Topônimo da localidade, a Lagoa teria reunido mais de 20 casinhas e foi possível identificar vestígios do poço (cacimba) que abastecia o assentamento, hoje coberto por cafezal.

A cadeia, por ter sido construída de estrutura mais fortificada, está em processo de ruínas, mas em ritmo mais lento.

Os fornos da fazenda Planície estão intactos e recobertos por mato. Várias estruturas metálicas de tamanho consideravel, principalmente associadas ao transporte de toras, estão abandonas em uma ampla área desta.



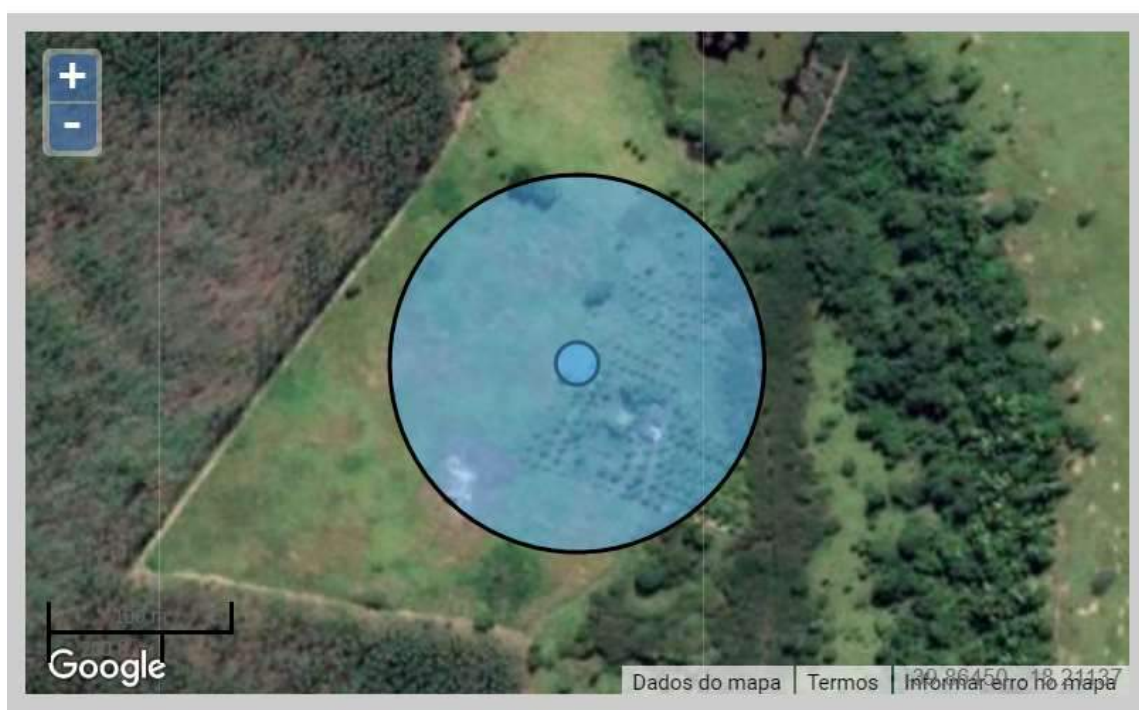
Fornos da Fazenda Planície (ou Pierote).





Sítio arqueológico Nova Canaã registrado no IPHAN.

Em Nova Canaã prossegue acelerado o processo de transformação das estruturas em ruínas ao mesmo tempo em que o mato invade o local. Nova Canaã é cadastrada como sítio arqueológico (Código IPHAN: ES3204054BAST00001).



Fonte: <https://sicg.iphan.gov.br/sicg/bem/visualizar/31664>. Acesso em setembro de 2023.

Materiais

Tanto as ruínas que ainda subsistem como as edificações que estão de pé são feitas majoritariamente de alvenaria.

Técnicas ou modos de fazer

Alvenaria.

Medidas

Um raio de 3,5 km entorno da comunidade de Água Preta.

Atividades que acontecem no lugar

N.A.





Manutenção

As localidades estão abandonadas e sem nenhum tipo de manutenção, em processo de formação de ruínas.

Conservação

As localidades estão abandonadas e sem nenhum tipo de manutenção, em processo de formação de ruínas.

Avaliação

As profundas transformações demográficas, sociais e urbanas porque passou a comunidade e a região de modo geral, tornaram irreversíveis o exodo e abandono das localidades. Apenas alguns poucos idosos possuem a memória oral acerca destas localidades.

Recomendações

Apoio à elaboração e Fomento de projetos culturais: (Série Documental) – edição e difusão audiovisual sobre a memória – vídeos e Podcasts, inclusive com a utilização de materiais do inventário.





FICHA 3. CATEGORIA SABERES



Identificação

Extrativismo - Artesanato e Pesca

O que é

Manejo sustentável de recursos naturais disponíveis nas matas, rios e lagoas da região.

Onde está

Territórios tradicionalmente utilizados pelos comunitários no entorno de Água Preta

Períodos importantes

O extrativismo e a coleta constituem apenas uma parte da cadeia operatória dos saberes e fazeres tradicionais, pois seu rizoma se expande para outras dimensões do patrimônio imaterial, mais precisamente para o que já foi designado como “rizoma Pilão-Extrativismo”.

Nesta perspectiva, a ficha em tela circunscreve seu âmbito ao momento da cadeia operatória em que os detentores obtêm a matéria prima para suas práticas. O beneficiamento destes produtos no Pilão





será descrito em outra ficha, como no caso do preparo do óleo de dendê e mamona juntamente com o café pilado e o feitiço de urucum. Por sua vez, a produção de vassouras e balaies para uso doméstico foram agregados ao universo extrativista correlato, sendo, pois contemplados na presente ficha.

História

Integrado ao modo de vida tradicional de comunidades rurais como Água Preta e tendo como referência territórios específicos, o manejo ecológico do cipó certamente se integrava com outras atividades no passado, tais como pesca artesanal e até mesmo caça.

É bem certo e esperado que os locais de extrativismo e pesca correspondam a áreas de preservação ambiental. Do ponto de vista dos direitos de fruição à paisagem natural, configuram-se como pequenas ilhas de beleza, abundância e vitalidade faunística/florística/hídrica, contrastando com o entorno.

Significados

Os saberes e fazeres tradicionais associados ao extrativismo, ao manejo do território e seus caminhos, incluindo as áreas tradicionais de subsistência para atividades como caça, pesca e coleta; enfim, todo este conjunto compõe um rico acervo memorial da cultura de trabalho destas populações rurais.

Descrição

Integrado ao modo de vida tradicional de comunidades rurais como Água Preta e tendo como referência territórios específicos, o manejo ecológico do cipó certamente se integrava com outras atividades no passado tais como pesca artesanal e até mesmo caça.

A Pesca Artesanal com Vara trata-se de modalidade simples e bastante difundida na comunidade, mas ameaçada de extinção em função de interdições da legislação ambiental, da restrição do acesso aos rios/lagoas e da redução da quantidade e piora na qualidade dos recursos hídricos. Contudo, algumas famílias como a da Dona Imaculada e seus descendentes persistem na pesca artesanal como atividade cultural de entretenimento e complementar na provisão da segurança alimentar.

Outro ponto importante ressalta o caráter integrado das práticas tradicionais e a configuração rizomática do patrimônio imaterial no cotidiano dos detentores. É o território que enlaça e confere consistência sinérgica a todo este conjunto de saberes e fazeres





tradicionais. Em termos mais simples, os detentores não se embrenham na paisagem apenas para pescar, mas integram esta atividade ao seu repertório tradicional, otimizando a oportunidade para a coleta e o extrativismo de diferentes materiais que se apresentam no trajeto.

Etapas

- Cipó

Coleta na mata - os detentores tradicionalmente recebiam autorização para a coleta do cipó. Mas, em caso de proibição, acessavam facilmente os locais pelos atalhos que conheciam na manga, nome pelo qual designam os abundantes pastos que recortam todo o território, interligando fazendas. O cipó alvo da busca ativa é designado como “rejeira”, de ocorrência mais abundante, embora outros tipos tenham sido usados no passado. Sua proliferação se dá nas matas de galeria que protegem cursos d'água e áreas alagadas de várzea e lagoa.

Seleção e poda - Após prospecção visual pela área e identificação da peça, o detentor explica o manejo sustentável que consiste em cortar fibras mais finas próximo a base e puxá-las para baixo até que se soltem das copas. A técnica funciona como uma espécie de poda invertida, preserva o que chamam de “Mãe”, que consiste no veio de fibra mais grossa e de onde provém as demais. Ao mesmo tempo, o corte favorece o surgimento de novas ramificações, contribuindo para a proliferação da espécie.





Modos de fazer ou técnicas



Feitio de vassouras e balaies - Artesanato

Inicialmente o cipó “rejeira” é descascado com uma faca, preservando a parte interna. Em seguida, corta-se o cipó em tiras iguais. As tiras são amarradas no centro, dobradas e na sequência é feito um trançado na ponta, onde será fincada a madeira que servirá de cabo da vassoura. Esse trançado final exige muita força na amarração para a vassoura ficar firme.





- Mamona (*Ricinus communis*)



Cata ou coleta - Assim designada por Dona Imaculada, corresponde ao momento inicial da cadeia operatória que vai se desdobrar no

processamento do óleo em sistema de pilagem artesanal. Trata-se de prática tradicional cujo repasse abrange a primeira (filha) e segunda (neta) geração de Dona Imaculada. É realizada em várias localidades onde ocorre a mamona, mas para o presente caso o sítio de coleta fica próximo da lagoa onde sua filha Sueli foi pescar. A técnica de coleta consiste em identificar as mamonas já escuras, queimadas pelo sol e em fase de esporulação.





Secagem - Após a coleta as mamonas são debulhadas e em seguida são colocadas em um pano de linhagem para a secagem no sol. Este processo dura em torno de 15 dias. Só então as mamonas estarão na condição ideal para a pilhagem e cozimento, que serão descritas mais adiante, na ficha 5 - saberes do pilão.

- Coco Dendê e Pimenta Rosa



Coleta - A pimenta rosa é intercalada aos dendezeiros. Ambos compartilham um padrão de localização, funcionando c como cercas vivas que delimitam a fronteira dos cafezais. No momento da navegação a pimenta rosa estava em fase de floração e a coleta se aproximava, gerando expectativas positivas, uma vez que é apontado o alto valor de mercado obtido com sua venda, constituindo a mesma em fonte complementar de renda para os detentores da prática. Em relação ao coco dendê, Geraldo Pires, filho de Imaculada, simulou um corte na palha, uma vez que os cocos não estavam maduros, mostrando como extrair os cachos sem prejudicar a planta.





Processamento - O feito no pilão de coco de dendê e óleo de mamona, incluindo o detalhamento das técnicas de manejo e coleta serão descritos na ficha 5 – Saberes do Pilão.

Pessoas envolvidas

Dona Imaculada, Geraldo e outro filho – extrativismo e artesanato em cipó, coco dendê e pimenta rosa;
Imaculada Sueli e neta – extrativismo mamona;
Sr. Avelar – Jequi de bambu.

Materiais

Cipó “rejeira” e outras espécies usadas com menos frequência, Jequi de bambu para a pesca.

Produtos e suas principais características

Vassouras, balaies;
Outros difusos e coletivos: jequis de bambu para a pesca.

Objetos importantes (ferramentas, instrumentos utilizados)

Utensílios e quinquilharia doméstica, sobretudo de metal.

Estrutura e recursos necessários

Recursos naturais presentes nas florestas do entorno de Água Preta.

Transmissão do saber

Intrafamiliar e intergeracional.

Avaliação

O valor memorial conferido pelos detentores a estas práticas entra, inevitavelmente, em choque com a política e as normativas ambientais, uma vez que estas são apresentadas como justificativa para a restrição da circulação e do manejo tradicional pelos que possuem os direitos de gestão econômica dos territórios, sejam proprietários ou arrendatários.

No âmbito do patrimônio imaterial, o desafio é conjugar os avanços e garantias procedimentais com o zoom das lentes etnográficas, ajustando o foco para processos de territorialização/ reterritorialização agenciados por detentores/bens fluídos e móveis, cujas dinâmicas nem sempre coincidem com as métricas espaciais estáticas.





Recomendações

Para além do refúgio silvestre e da proteção ambiental, a salvaguarda das práticas de cultura do trabalho e manejo extrativista de detentores residentes em Água Preta exigiria avanços mais agudos no âmbito dos direitos culturais e na autorização quanto ao uso e manejo de territórios por populações rurais afetadas por grandes empreendimentos, especialmente quando atrelados a processos de concentração fundiária.

Alocação de projetos para fortalecimento de agro eco sistemas familiares com vistas a garantir fontes alternativas para a obtenção das matérias primas. Um exemplo já adotado nas proximidades é o plantio de cercas vivas com urucum (e também pimenta rosa para o caso do extrativismo), ampliando as fontes de acesso e colaborando colateralmente para uma melhor fruição da paisagem ao minimizar o contato visual direto aos eucaliptais.

No estado atual da situação, o único habitat que constatamos seguro para o refúgio e preservação de tais práticas é a Memória, através do fomento e estímulo ao desenvolvimento de projetos culturais: (Série Documental) – edição e difusão audiovisual – vídeos e Podcasts, incluindo o uso dos materiais inventariados.





FICHA 4 . CATEGORIA SABERES



Identificação

Patrimônio Agroecolimentar das unidades domésticas – Quintais Produtivos

O que é

Coletivo formado pela tríade casa-quintal-terreiro.

Imagens

← → ↶ ↷ ↵ > MÍDIA JOVEM - BKP (F:) > GRIF > PROGRAMA INTEGRADO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL ÁGUA PRETA E VALDÍCIO BARBOSA > PEPI AP > Etnoregistro Quintais Produtivos

☐ Nome	Data de modificação	Tipo	Tamanho
Horta Geraldo	08/01/2024 21:05	Pasta de arquivos	
QUINTAL DONA ALBERTOBA	09/01/2024 00:01	Pasta de arquivos	
QUINTAL IMACULADA	09/01/2024 00:02	Pasta de arquivos	
QUINTAL MAURO	09/01/2024 00:01	Pasta de arquivos	
QUINTAL MORENITA	09/01/2024 00:01	Pasta de arquivos	
Quintal Sr. Arlindo	08/01/2024 22:15	Pasta de arquivos	
Quintal Sr. Vila e Dona Maria	10/01/2024 15:09	Pasta de arquivos	

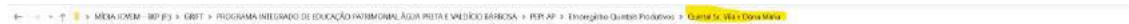
← → ↶ ↷ ↵ > MÍDIA JOVEM - BKP (F:) > GRIF > PROGRAMA INTEGRADO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL ÁGUA PRETA E VALDÍCIO BARBOSA > PEPI AP > Etnoregistro Quintais Produtivos > Horta Geraldo



MVI_5743.MP4 MVI_5744.MP4 MVI_5745.MP4 MVI_5746.MP4



← → = ↑ ↓ » MÍDIA JOVEM - BKP (F) » GRIFT » PROGRAMA INTEGRADO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL ÁGUA PRETA E VALDÍCIO BARBOSA » PEPI AP » Etnoregistro Quantas Produções » **QUINTAL DONA ALBERTINA**





Períodos importantes

A partir da década de 1940 quando começaram a surgir os povoados na região em função do plantio de café.

História

A especificidade da formação territorial de Água Preta nos conduz para uma categoria social mais ampla: o campesinato negro. Esta categoria foi forjada a partir da crítica à visão esbranquiçada ou, na melhor das hipóteses, mestiçada do campesinato brasileiro, concebido como fato empírico verificável. Em que pese sua identificação tardia, a dispersão do campesinato negro por várias regiões do país desde o período colonial, abarcando negros alforriados ou fugitivos que se constituíam como camponeses livres ou “meeiros de glebas familiares”. Em outros termos, a desintegração do sistema escravista gerou as condições históricas ideais para a explosão do campesinato negro, momento em que os quilombos e as comunidades de roceiros libertos proliferaram em regiões rurais de todo o país. Contribuiu para este movimento o fato de que a Lei de Terras (1850) vigente à época da abolição era extremamente desfavorável aos negros, impedindo-lhes o acesso e posse através do trabalho (apenas compra era permitida), ao mesmo tempo em que oferecia subsídios para novos colonos/ imigrantes principalmente de origem européia.

As comunidades quilombolas e outras comunidades negras rurais constituem a expressão atual deste impasse fundiário que garantiu a existência de uma mão de obra livre a ser explorada no campo, ou seja, o campesinato negro. Assim, destaca-se a construção desta categoria a partir de múltiplas vertentes, desde quilombos levantados como estratégias de sobrevivência em contextos pré e pós abolição, passando por roceiros livres que se apossaram de terras em áreas ermas e de difícil acesso até contingentes de mão de obra explorada através de diárias miseráveis ou regimes como arrendamento, “meia”, “terça” e similares. Mais recentemente, vem sendo destacado a adesão do campesinato negro a frentes de trabalho para a implantação de vetores de desenvolvimento capitalista, sendo que este deslocamento pode ocorrer nos marcos da própria região de origem da massa camponesa. Estas frentes de trabalho são de suma importância para a injeção monetária nas localidades de origem, onde o dinheiro não é regra geral e todo um regime de trocas e partilhas é acionado frente a escassez do papel moeda.





Significados

Expressa elementos identitários e socioculturais associados ao modo local de apropriação do território e da paisagem.

Descrição

As unidades domésticas configuram agroecossistemas que estabelecem contraste evidente em relação à paisagem dos cultivos de café, pimenta e outros que ocupam grande as áreas.

Restringem-se, pois, as unidades domésticas ao âmbito da agricultura familiar, assentada na tríade:

- O terreiro geralmente à frente da casa e onde são recepcionados os convivas, por isso geralmente está varrido e lipo;
- A casa, que serve de abrigo, geralmente na posição intermediária da unidade;
- O quintal, geralmente ao fundo, onde se localizam majoritariamente os cultivos, caracterizados pelo acumulo muitas vezes intencional dematerial orgânico que serve de base e reforço aos cultivos, neste ponto distinguindo-se radicalmente do espaço “limpo” do terreiro frontal.

Pessoas envolvidas

Sr. Vila, Dona Maria e filho Benedito;

Sr. Otaviano, recém falecido e irmão;

Sr. Aurino, filha Sandra e genro Carlos Antônio;

Dona Morenita;

Dona Imacula e os filhos Geraldo e Sueli;

Dona Albertina;

Mauro e Angélica;

Difuso e coletivo na comunidade.

Materiais

Utilização de materiais naturais e reaproveitados, com destaque para madeira.

No quintal do Sr. Aurino permanece de pé a velha casa de pau a pique ou stuck, que se constitui em remanescente raro desta técnica de construção na comunidade.





Modos de fazer ou técnicas

Os mosaicos policulturais das unidades domésticas constituem-se em agroecossistemas que acionam técnicas variadas de biodesign e permacultura, ainda que de forma intuitiva.

A construção da casa de pau a pique foi descrita detalhadamente pelo Carlos Antônio, genro do Sr. Aurino, incluindo a indicação das luas corretas para a coleta da madeira ser traçada, de modo a evitar o surgimento de brocas e outras pragas. A localização do quintal do Sr. Aurino se dá nas margens do riacho Água Preta, à jusante da unidade doméstica do casal Sr. Vila & Dona Maria, o que certamente contribuiu para sua fertilidade, dado que na mesma foi identificada uma área remanescente de cultura de várzea, onde se praticava o cultivo de arroz, hoje extinto, mas que teve ativada a memória de sua trituração via pilagem.

Produtos e suas principais características

O quintal do Sr. Aurino possui exuberantes árvores frutíferas como mangueira, laranjeira, limeira, bananeiras. Um destaque é a profusão de cacau, tendo sido descrito um saber do pilão extinto e que consistia na produção de chocolates feitos por pilagem de sementes secas deste delicioso fruto. Outras espécies identificadas a partir de seu nome popular são aroeira, macadame, ingá de metro, umbu do sertão, coco dendê e coco bahia. Neste último caso, as espécies são tão antigas que suas folhas ressecam e caem formando aquilo que é chamado popularmente de barba do profeta. A disponibilidade de recurso hídrico no fundo do quintal vem permitindo a existência de um pequeno e modesto poço para a prática de piscicultura.

No quintal do Mauro foi percorrido o espaço integrado à unidade doméstica, onde um volume considerável de pimenta do reino estava secando ao sol. Além da pimenta, o quintal possui hortaliças como repolho e alface, frutíferas como mangueira e bananeira. Também está em experimento o plantio de feijão, mas o destaque maior é a mandioca (macaxeira ou aipim), cujo desterro exigiram esforço de quatro braços masculinos dado o volume e a massa galgados pela raiz. A iniciativa de Mauro de expandir os cultivos reafirma a vocação rural de Água Preta e encontra ressonância em outros comunitários já mencionados no PIEP, como o caso de Geraldo que ocupou o entorno da escola e Sueli que visualiza a possibilidade nos fundos da igreja.





Em comum em todos os casos há a escassez de terras para cultivo, uma vez que os quintais familiares são de pequenas dimensões e colocam desafios para superar o padrão de plantio de subsistência.

Dona Albertina nos recebeu fazendo a pilagem da pimenta colhida no quintal. O seu quintal repete o padrão de outras unidades domésticas percorridas ao longo do PIEP, com destaque para jiló fresquinho colhido no pé, vultosa plantação de taioba e lindas flores de múltiplas cores.

Dona Morenita nos recebeu ao lado do fogão à lenha de limpeza impecável, seguido do esclarecimento de que é mantido nesta condição permanente devido ao barro branco que busca frequentemente na matinha. Revela, pois, novo saber extrativista. Adentrando pelo quintal, emergem várias árvores e plantas frutíferas como feijão verde, castanheira, bananeira, coco, cana, maxixe e limão. Uma pequena horta com leguminosas, cebolinha, alecrim e capim da lapa (cidreira), revela a coabitação entre espécies alimentícias e medicinais usadas na preparação de chás caseiros.

Uma ocorrência que merece menção especial no quintal de Dona Morenita é o Urucum (corante), que estabelece rizoma transversal com os saberes do pilão, que serão abordados no tópico seguinte.

Dona Imaculada, a detentora apresentou sua horta com couve, cebolinha, mostarda, taioba, jiló, entre outras espécies comestíveis. Dispersos pelo quintal uma variedade de árvores frutíferas com os pés carregados de romã, jaboticaba, abacate, coco, mamão, acerola, bananas e presenteou a equipe com uma deliciosa pitaia. Destaca-se um jardim ornamental com flores e espécies medicinais como carqueja, capim da lapa, entre outras.

Dona imaculada é mais que uma detentora, é uma mestra de saberes e fazeres tradicionais sobre a terra, cujo potencial de estabelecer rizomas com outros bens imateriais já foi demonstrado em vários momentos da execução do PIEP.

Objetos importantes (ferramentas, instrumentos utilizados)

Enxada, pá, rastelo, tesouras para a poda e uma gama de outros utilizados no cultivo.

Estrutura e recursos necessários

Pilões, engenhocas e outras estruturas rústicas de madeira.





Transmissão do saber

Intrafamiliar e intergeracional.

Avaliação

Sem área suficiente para o plantio próprio, os comunitários não vêm outra alternativa senão oferecer o saber sobre a terra e a força de trabalho aos fazendeiros para a colheita de café e outras monoculturas, perpetuando a condição de campesinato em situação de heteronomia.

Outro desafio é a escassez e a qualidade da água. Como alternativa alguns detentores instalam canalizações puxando diretamente do córrego Água Preta através de pequenas bombas elétrica, alternativa apontada como única capaz de garantir segurança hídrica para a plantação, dado os já mencionados problemas recorrentes no abastecimento geral da comunidade.

Recomendações

Fomento a projetos para fortalecimento de agro eco sistemas familiares.

Conclusão do novo poço artesiano.



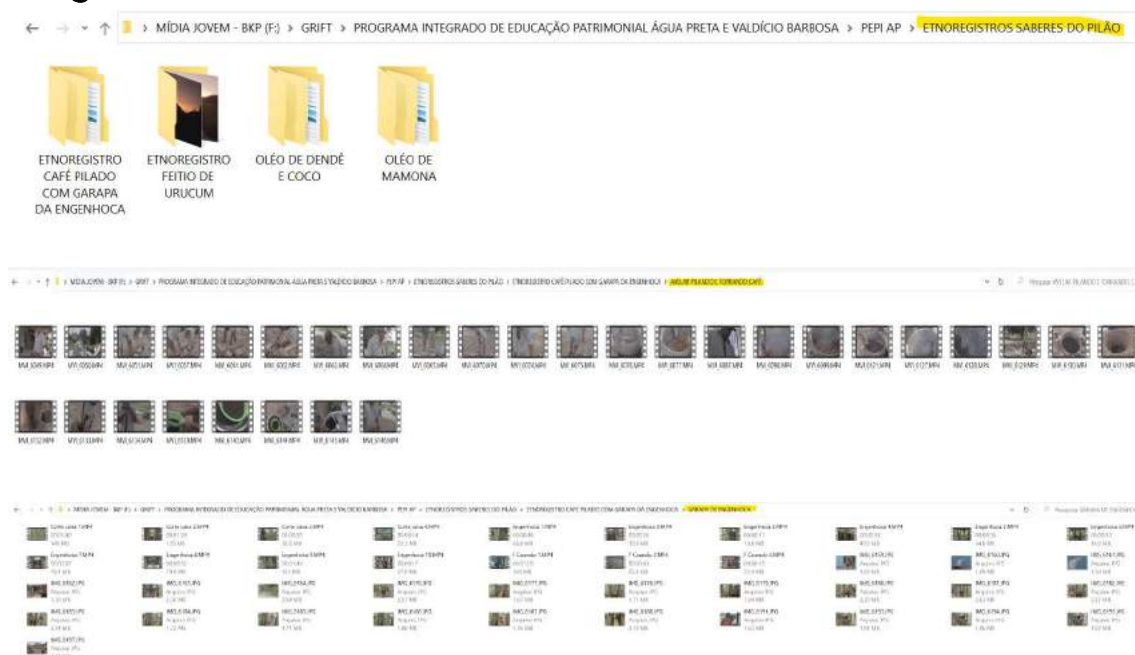


FICHA 5 . CATEGORIA SABERES



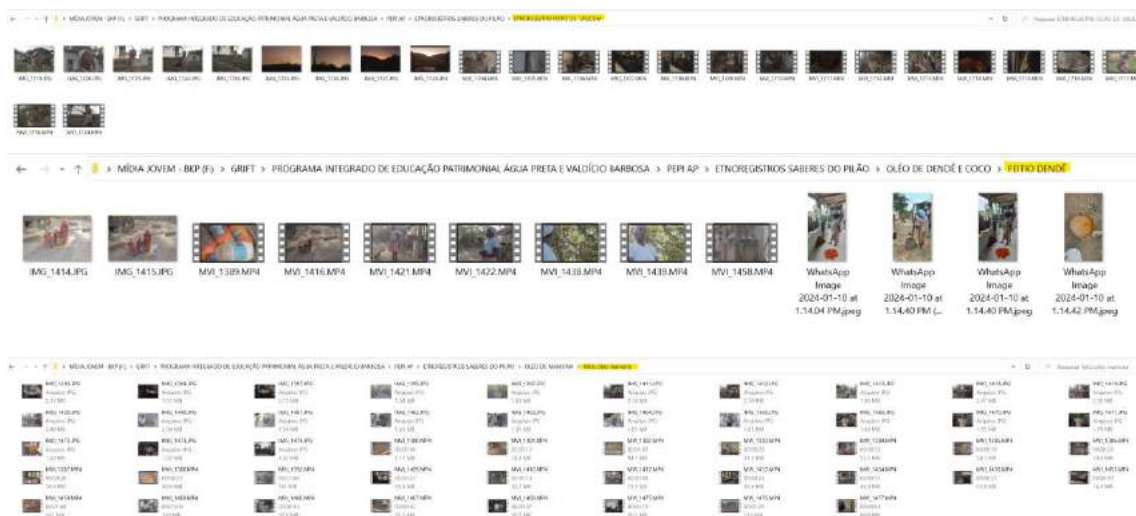
Identificação
Patrimônio Agroecológico – Saberes do Pilão

Imagens





INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DA COMUNIDADE DE ÁGUA PRETA



Onde está

Unidades domésticas familiares de Água Preta.

Períodos importantes

O beneficiamento de produtos naturais no Pilão constitui-se em um momento da cadeia operatória precedido pelo extrativismo dos produtos naturais na mata ou cultivados em agroecossistemas, o que condiciona a prática a maior ou menor oferta em conformidade com as variações sazonais.

História

A especificidade da formação territorial de Água Preta nos conduz para uma categoria social mais ampla: o campesinato negro. Esta categoria foi forjada a partir da crítica à visão esbranquiçada ou, na melhor das hipóteses, mestiçada do campesinato brasileiro, concebido como fato empírico verificável. Em que pese sua identificação tardia, a dispersão do campesinato negro por várias regiões do país desde o período colonial, abarcando negros alforriados ou fugitivos que se constituíam como camponeses livres ou “meeiros de glebas familiares”. Em outros termos, a desintegração do sistema escravista gerou as condições históricas ideais para a explosão do campesinato negro, momento em que os quilombos e as comunidades de roceiros libertos proliferaram em regiões rurais de todo o país. Contribuiu para este movimento o fato de que a Lei de Terras (1850) vigente à época da abolição era extremamente desfavorável aos negros, impedindo-lhes o acesso e posse através do trabalho (apenas compra era permitida), ao mesmo tempo em que





oferecia subsídios para novos colonos/ imigrantes principalmente de origem europeia.

As comunidades quilombolas e outras comunidades negras rurais constituem a expressão atual deste impasse fundiário que garantiu a existência de uma mão de obra livre a ser explorada no campo, ou seja, o campesinato negro. Assim, destaca-se a construção desta categoria a partir de múltiplas vertentes, desde quilombos levantados como estratégias de sobrevivência em contextos pré e pós abolição, passando por roceiros livres que se apossaram de terras em áreas ermas e de difícil acesso até contingentes de mão de obra explorada através de diárias miseráveis ou regimes como arrendamento, “meia”, “terça” e similares. Mais recentemente, vem sendo destacado a adesão do campesinato negro a frentes de trabalho para a implantação de vetores de desenvolvimento capitalista, sendo que este deslocamento pode ocorrer nos marcos da própria região de origem da massa camponesa. Estas frentes de trabalho são de suma importância para a injeção monetária nas localidades de origem, onde o dinheiro não é regra geral e todo um regime de trocas e partilhas é acionado frente a escassez do papel moeda.

Significados

Expressa elementos identitários e socioculturais associados ao modo local de apropriação do território e da paisagem.

Descrição

O pilão foi erigido à símbolo da luta quilombola por excelência, remetendo à resistência e ao modo de vida nas matas para a produção e processamento dos alimentos. Sob esta perspectiva, o pilão pode ser compreendido como usina pioneira para beneficiamento de alimentos, extratos e óleos para uso alimentar e medicinal em áreas rurais remotas.

Pessoas envolvidas

Sr. Vila e Dona Maria – na garapa de engenhoca;

Dona Imaculada – Feitio de Óleo de Dendê, Óleo de Mamona, além de Óleo de Coco;

Dona Morenita e Dona Imaculada – Feitio de Urucum;

Sr. Avelar – Pilagem do café.





Materiais

Derivados do extrativismo.

Modos de fazer ou técnicas

Café Pilado e torrado na garapa de engenhoca

Esta atividade foi realizada envolvendo simultaneamente dois quintais produtivos de dois dos mais antigos moradores de Água Preta. A primeira corresponde a torra e pilagem de café, tendo acontecido no quintal produtivo do Senhor Avelar, apontado como o mais antigo morador de Água Preta. Sr. Avelar atualmente reside em Valdício Barbosa dos Santos com a esposa Regina, em área que inclui outras unidades domésticas como a da filha Moabia e do genro. Todavia, mantém um comércio em Água Preta, onde seu descendente Esdras habita a residência patronímica ao lado da esposa Camila, que acaba de assumir a presidência da Associação de Moradores e Agricultores da Comunidade de Água Preta (AMACAP), recém fundada.

O café é colhido ali mesmo no quintal, em meio a extensa plantação, passando por uma secagem prévia *in natura*. Tradicionalmente, a torra era processada em uma “bola de metal”, mas em função do estado de depreciação do artefato o processo foi realizado na panela em um fogão improvisado. Após o café atingir o ponto ideal de torra, aferido através de inspeção visual, tem início a pilagem no tradicional artefato. Por fim, o café foi coado em uma peneira de plástico de onde os grãos mais finos atravessam para uma vasilha de aço inoxidável.

A etapa seguinte foi realizada no exuberante quintal produtivo do Senhor Vila, que também está entre os mais antigos moradores da comunidade. Ali podemos vivenciar a síntese dos mosaicos produtivos da agricultura familiar, com uma variedade de frutas, alimentos, plantas alimentares e medicinais, além de “cacimba” (poço) que garante abundantes recursos hídricos. A cana é colhida e transportada até a engenhoca para moção, atividade que envolve, além do Sr. Vila e sua esposa Dona Maria, moradores mais jovens, responsáveis pelo trabalho físico mais pesado.

A exemplo do sari de cisterna, a formidável engenhoca funciona como um tipo de alavanca. Possui um eixo central com duas extremidades, ambas trespassadas por 4 hastes perpendiculares. Ao serem giradas espremem, melhor dizendo, trituram a cana, que passa pelo fino espaço entre o cilindro do eixo (envelopado por metal denteado) e um segundo cilindro que serve de suporte. A garapa escorre naturalmente





até o balde por um dispositivo de desvio improvisado em chapa de metal, seguindo para a coagem que é a última etapa. Depois é só levar ao fogão de lenha, esquentar e passar coador de pano encaixado numa pequena estrutura de madeira que funciona como haste e é conhecido como mancebo. Depois é só saborear.

Dona Imaculada - Feitio de óleo de dendê e óleo de mamona.

Tendo apresentado na ficha 3 do inventário, do extrativismo às etapas anteriores a coleta e secagem das espécies, cumpre-nos finalizar a cadeia operatória de produção destes extratos feitos artesanalmente.

Após secagem por cerca de 15 dias, a mamona é socada no pilão. Para o caso da mamona, após a prensa no pilão destacam-se dois tipos de óleos, sendo um deles tóxico. A sabedoria prática do cozimento consiste exatamente em separar estes dois componentes, retirando com uma colher a espuma que flutua na medida em que avança a fervura, ao passo que o óleo de mamona (rícinio) vai paulatinamente decantando no fundo.

Como o processo depende da intensidade do fogo e da quantidade de matéria prima, não é possível estabelecer um tempo padrão para o cozimento, e o ponto final depende do olhar e observação da detentora. Após o cozimento, o óleo é resfriado em ambiente natural e em seguida envasado em garrafa de vidro ou em recipientes pet. Dona Imaculada é enfática ao assinalar a trabalhadeira implicada no feito do óleo de mamona, afirmando que na experiência em tela foram realizadas 3 pilagens para obter menos de 1 litro de extrato.

A produção de óleo de dendê é mais simples e rápida do que a de mamona. O cozimento se dá em duas etapas. A primeira fervura tem por objetivo amolecer o bagaço ou caroço para separá-lo da polpa, processo que é completado no pilão. Em seguida é feita a lavagem em água junto com peneiramento. O líquido é novamente levado ao cozimento e o azeite vai flutuando e sendo retirado com uma colher, ao passo que a água decanta no fundo junto com a borra.

Além dos óleos de dendê e mamona, Dona Imaculada produz óleo de coco. Todavia, neste caso, não faz uso do pilão.





Dona Morenita – Feitio do corante - urucum

O feitio começa com a coleta do urucum no próprio quintal. Já dentro de casa, rente ao fogo de lenha, procede caprichosa limpeza do pilão e da mão de pilão. O passo seguinte é no fogão onde os grânulos de urucum são levemente torrados junto com um pouco de óleo. Em seguida o material é misturado com 1 kg de fubá em uma bacia de metal. Só então o material é despejado no pilão e tem início a pisada. Gradativamente, a mistura vai sendo pilada dando origem ao corante avermelhado nos moldes em que é usado na culinária.

Produtos e suas principais características

Café coado e adoçado com cana de açúcar, óleos de dedê e mamona, corante em pó.

Roupas e acessórios

Roupas apropriadas ao trabalho no campo.

Objetos importantes (ferramentas, instrumentos utilizados)

Panelas, tachos, bacias e outros utensílios domésticos de metal.

Estrutura e recursos necessários

Pilões, engenhocas, fogão de lenha e outras estruturas rústicas de madeira.

Transmissão do saber

Intrafamiliar e intergeracional.

Avaliação

A limitação das áreas de extrativismo pelas injunções da política e das normativas ambientais aumenta a escassez das fontes de matérias primas para beneficiamento no tradicional pilão, uma vez que as mesmas são apresentadas como justificativa para a restrição da circulação e do manejo tradicional pelos que possuem os direitos de gestão econômica dos territórios, sejam proprietários ou arrendatários. No âmbito do patrimônio imaterial, o desafio é conjugar os avanços e garantias procedimentais com o zoom das lentes etnográficas, ajustando o foco para processos de territorialização/ reterritorialização agenciados por detentores/bens fluídos e móveis, cujas dinâmicas nem sempre coincidem com as métricas espaciais estáticas.





Recomendações

Para além do refúgio silvestre e da proteção ambiental, a salvaguarda das práticas de cultura do trabalho e manejo extrativista de detentores residentes em Água Preta exigiria avanços mais agudos no âmbito dos direitos culturais e na autorização quanto ao uso e manejo de territórios por populações rurais afetadas por grandes empreendimentos, especialmente quando atrelados a processos de concentração fundiária.

No estado atual da situação, o único habitat que constatamos seguro para o refúgio e preservação de tais práticas é a Memória, através do fomento e estímulo ao desenvolvimento de projetos culturais: (Série Documental) - edição e difusão audiovisual - vídeos e Podcasts, incluindo o uso dos materiais inventariados.

Além disso, urge a alocação de projetos para fortalecimento de agro eco sistemas familiares com vistas a garantir fontes alternativas para a obtenção das matérias primas. Um exemplo já adotado nas proximidades é o plantio de cercas vivas com urucum (e também pimenta rosa para o caso do extrativismo), ampliando as fontes de acesso e colaborando colateralmente para uma melhor fruição da paisagem ao minimizar o contato visual direto aos eucaliptais.





FICHA 6. CATEGORIA FESTAS E CELEBRAÇÕES



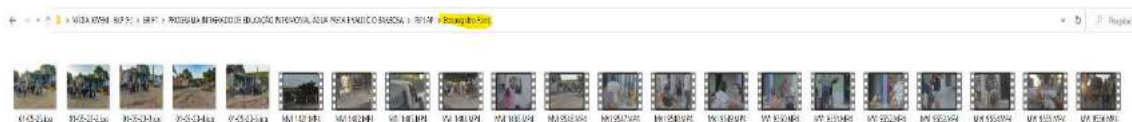
Identificação.

Forró do Mauro, Forró da Tábua Rachada (Extinto)

O que é

O forró é expressão viva da memória e do presente etnográfico de Água Preta, tendo como detentores seus moradores de forma generalizada e difusa.

Imagens

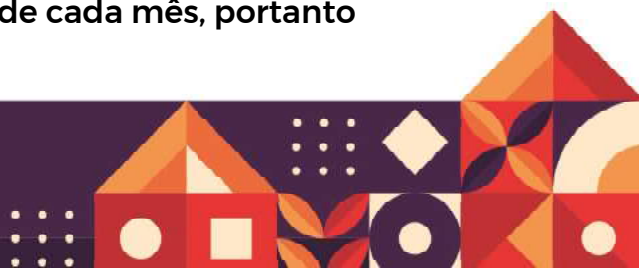


Onde acontece

Na rua, em frente ao Bar do Mauro;
Tábua Rachada -Paço principal.

Períodos importantes

O forró do Mauro ocorre na primeira semana de cada mês, portanto tem periodicidade mensal.





O forró da Tábua rachada acontecia uma vez por ano, após a festa da Tábua lascada de Pedro Canário, ocorria, em sequência, a festa da Tábua rachada em Água Preta, geralmente no mês de junho.

História

O forró da tábua rachada constituía-se em evento de saideira e prova de resistência para os foliões mais animados que sobreviviam ao Forró da Tábua lascada, mega evento que ocorre desde 1981 em Pedro Canário e que permanece ativo ainda hoje.

O grande número de migrantes baianos na área fronteiriça com o Espírito Santo é apontado como fator da vitalidade para os forrós na região.

Nas décadas de 70 e 80, período relatado como de relativa prosperidade e maior densidade populacional pelos moradores de Água Preta (auge dos fornos do Pierote) ocorria o forró da tábua rachada, em paráfrase ao da pedra lascada, ambas se referindo ao modo como o piso era castigado pelos dançantes em viras de dias consecutivos.

Significados

Trata-se de um momento de confraternização que extrapola os limites da comunidade, atraindo um grande número de pessoas de outros distritos e localidades de Pedro Canário e Conceição da Barra.

Tem, pois, um significado de integração regional da comunidade com a vizinhança e grupos de afinidade.

Descrição

O forró praticado exige apenas um som e um espaço para dançar. No caso do bar do Mauro há uma área coberta, mas também extrapola esse espaço, ocupando a rua de terra. No passado ocorria em outros espaços de Água Preta e há relatos de relacionamentos que se iniciaram em meio aos passos suaves do forró ali praticado.

Pessoas envolvidas

Mauro;

Benedito;

Sueli;

Difuso e coletivo.



Forró do Mauro.





Comidas e Bebidas

Não existe nenhuma comida ou bebida específica, mas é certo que o festejo se insere na esfera profana.

Roupas e acessórios

Não são utilizadas indumentárias padronizadas, mas para a prática é adequado o uso de calçados baixos e roupas confortáveis.

Expressões corporais (danças e encenações)

Os participantes dançam juntos, em duplas, com passos característicos, ao som do forró. A dança consiste em dois passos para cada lado, bem juntinho.

Expressões orais (músicas, orações e outras formas de expressões orais)

O som mecânico toca músicas diversas, sendo o ritmo indiscutivelmente predominante o forró.

Objetos importantes (instrumentos musicais, objetos rituais, elementos cênicos, decoração do espaço e outros)

Não há.

Estrutura e recursos necessários

A estrutura do bar do Mauro é necessária para promover o evento mensal.

Já o forró da tábua rachada contava com barraquinhas de alimentos montadas pelos comunitários.

Outros bens culturais relacionados

Forró de Itaúnas.

Avaliação

O evento se insere no contexto regional de Itaúnas, Conceição da Barra, onde o forró é promovido cotidianamente, inclusive gerando festivais de alcance turístico nacional.

Em Água Preta há expressão dessa cultura do forró em menor escala, atraindo as comunidades do entorno.

Recomendações

Fomento à projetos culturais de fortalecimento e difusão do festejo.

Fomento à projetos culturais de difusão audiovisual, inclusive dos materiais agregados ao inventário.





FICHA 7. CATEGORIA FORMAS DE EXPRESSÃO



Identificação

Cultura do Brincar na Infância

Imagens



O que é

As brincadeiras infantis e a resignificação de objetos para a improvisação de brinquedos pelas crianças de Água Preta.

Onde está

Paço principal da comunidade;
Ruas e terreiros;
Escola.

Períodos Importantes

No presente etnográfico se expressa uma cultura que vem de gerações passadas, do modo de vida pé no chão, desde os locais de origem dos comunitários de Água Preta.





História

Essa história é contada pelas crianças, que reproduzem na infância um modo de vida rural, de filhos de trabalhadores, cujos recursos raramente permitiam um consumo excessivo, como o que ocorria nas cidades. Dessa maneira, as crianças, muitas vezes, iam se arranjando com o que viam pela frente, com objetos extraídos do seu meio. Daí surgiram brincadeiras como telefone de lata, carrinho de rolimã, etc.

Significados

A cultura do brincar é uma expressão permanente e rotineira das crianças de Água Preta, constituindo-se em importante fator de socialização entre o público infantil, bem como estabelece seus padrões de interação com o mundo externo.

Descrição

Variedade de atividades lúdicas mediadas que incluem tanto as brincadeiras quanto os brinquedos criados pela imaginação infantil a partir do uso de materiais simples.

Etapas

A cultura do brincar expressa uma forma de apropriação particular do território e de seus recursos pelas crianças.

Todo tipo de objeto ou matéria é passível de virar brinquedo, incluindo troncos, galhos, flores etc.

E, mesmo na ausência de objetos materiais as crianças são capazes de criar cenários imaginários com a representação de motivos naturais envolvendo rios, florestas, etc.

Pessoas envolvidas

Público infantil de forma generalizada.

Materiais

No que tange aos brinquedos inventados, provém de uma variedade de matérias como o cabos de vassoura, pneus velhos, elementos da paisagem, papel para elaboração de brinquedos por dobraduras, etc.

Produtos

Cavalo de pau, barquinhos, carrinho, brinquedos de papel.





Roupas e acessórios

As roupas são bem simples e em geral estão bem sujas de terra.

Expressões corporais (danças e encenações)

Danças e Cirandas circulares;

Expressões orais;

Músicas entoadas em coro nas cantigas de roda.

Objetos importantes

Cabo de vassoura

Pneu velho, pet, lata velha, papel

Estrutura e recursos necessários

As brincadeiras são realizadas na rua.

Avaliação

A universalização dos smartphones que chegam até mesmo nestes territórios de alta vulnerabilidade social, vem ganhando cada vez mais tempo na agenda de brincar das crianças, dada a atratividade dos jogos eletrônicos e o poder de sedução exercido sobre os pais, que utilizam estes dispositivos como importante fator de distração e controle dos filhos.

A despeito disso, a mesma ferramenta é utilizada pelos brincantes para aprender, através de vídeos tutoriais, a produzir brinquedos de papel, expressando sua identidade com materiais simples, mas divertidos, que requerem movimento. As crianças de Água Preta, mesmo utilizando novas tecnologias, têm a possibilidade de brincar na rua, em livre expressão corporal.

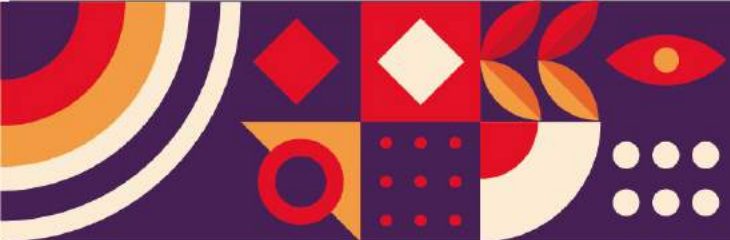
Recomendações

Estímulo a projetos paisagísticos para proteção do espaço vital da comunidade, incluindo plantio de árvores, plantas ornamentais e alimentícias, hortas, cercas vivas e similares.

Apoio à elaboração e Fomento de projetos culturais:

Implantação de ponto de cultura (programa cultura viva) utilizando espaço ocioso da escola.





INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DA COMUNIDADE DE ÁGUA PRETA

